

Um mundo melhor?

Por Mário Soares

Não se trata de pregar a utopia. Mas apenas de afirmar a confiança no Homem, no seu bom senso e racionalidade.

2007 despede-se, sem deixar saudades. 2008 – apesar dos riscos de agravamento internacional da crise financeira, do desemprego, da inflação, do deficit externo, da queda do dólar, do descrédito da América no Mundo – poderá ser um ano de viragem. Atenção! Provavelmente, a mudança vai vir da América. E da União Europeia que – com mais nove Estados a aderirem ao Espaço Schengen, abolindo as fronteiras – deu um passo em frente. Por isso é seu dever acompanhar a mudança ou mesmo precedê-la, se houver coragem política, para evitar que lhe suceda o pior: a Civilização Ocidental entrar, definitivamente, em decadência. Perante a crescente pujança dos chamados países emergentes – o que não exclui fortes contradições internas e dificuldades – e de alguns outros Estados, em todos os Continentes, que não querem ficar para trás. O último, foi a viragem para o centro esquerda ocorrida na Austrália.

Entendamo-nos, porém: viragem, em que sentido? No plano das reformas sociais e ambientais a sério, sem as quais não haverá crescimento global sustentado. É importante que isto seja dito e repetido. E ainda do reforço dos Estados nacionais, de modo a conseguir conter a voracidade insaciável dos privados e a distribuir melhor o rendimento, para reduzir as crescentes desigualdades, que estão na origem da ausência de confiança na política e no papel do Estado e das revoltas, mais ou menos violentas, que afectam as sociedades mais desenvolvidas e as mais pobres.

Al Gore escreveu dois livros de grande importância e divulgação: o primeiro, “Uma verdade inconveniente”, como o filme que o precedeu, chamou a atenção mundial para os perigos que ameaçam o Planeta, por irresponsabilidade política dos decisores: valeu-lhe o Prémio Nobel; o segundo, “O assalto contra a razão”, denuncia os perigos que a Democracia corre, quando os interesses privados das grandes multinacionais se sobrepõem às decisões das instituições e dos responsáveis que resultam do sufrágio popular. É uma denúncia corajosa do sistema neo-liberal que, no segundo mandato do Presidente Bush, atingiu o seu pior.

Os resultados estão à vista de todos: uma crise financeira, que está a contagiar a União Europeia e que, a não ser dominada, conduzirá a uma recessão, de consequências mundiais gravíssimas; o descrédito de uma Democracia, que era uma referência para o Mundo, em consequência dos sucessivos atentados aos Direitos Humanos praticados, dentro e fora do seu território, de que são exemplos terríveis Guantanamo e Abu Ghraib; a “guerra preventiva” movida contra o Iraque, sem o aval das Nações Unidas, que mais do que um erro foi um crime, que incendiou o Médio Oriente e estimulou o terrorismo, em vez de o combater; uma política securitária de raiz repressiva que está a tornar-se numa paranóia colectiva.

É necessário reagir, apelando à razão, com objectividade e bom senso, recusando todos os fanatismos.

No início do novo Milénio, enquanto a memória das ditaduras do séc. XX, de sinal contrário – e dos seus horrores – permanece viva, saibamos defender os princípios que decorrem da Razão e da Ética. Recusemos a falsa ideologia neo-liberal, o mito de que a “mão invisível” do mercado resolve tudo, o domínio do dinheiro – e do sucesso, a qualquer preço – como valores supremos. Lutemos contra a banalização da Política e os políticos de marketing, feitos artificialmente como sub-produtos vendáveis. Saibamos voltar aos valores da Liberdade, da Justiça e da Solidariedade. Para construir um mundo mais humano e melhor, a que aspiram, legitimamente, todos os Povos da Terra.

Lisboa, 26 de Dezembro de 2007